

Como fecho de seu livro, Risco aborda a imigração galega e a reprodução em terras de outros da organização social e modo de viver que mantinham em sua pátria.

A *História de Galicia* de Vicente Risco tem muitos defeitos, alguns já apontados. É uma obra quase que inteiramente factual. Contudo, não se lhe pode negar uma certa utilidade para os iniciantes de um estudo sobre história galega, pois é dada, embora um pouco atabalhoadamente, noção de fatos e situações, que acabam por permitir se forme uma idéia da história movimentada do povo que vive no Noroeste da Península Ibérica.

SARA OZORES VALLEJO.

* * *

*

NAMER (Émile). — *L'affaire Galilée*. Collection Archives. Edito-a Gallimard. Paris. 1975.

Neste livro, o autor se propõe a apresentar de maneira objetiva, o desenrolar do processo sofrido por Galileu. Assunto já extensamente tratado, mas que ganha uma conotação nova pela preocupação do autor de acentuar que na verdade o caso Galileu foi o caso de galileístas, ultrapassando a figura dos sábios, diluindo-se a individualidade num processo que se caracteriza como social.

A documentação de base foram os textos da Inquisição e a correspondência trocada por Galileu e seus contemporâneos, que está reunida na *Édition Nationale*, publicação das obras completas de Galileu e de documentos a ele concernentes. É uma rica documentação (cerca de 4 mil cartas), que torna possível uma descrição pormenorizada do desenvolvimento do processo.

Na Introdução, o autor apresenta os precedentes ao caso de Galileu. O sistema de Copérnico, ignorado até a última década do século XVI, começa a tornar-se incômodo: nas obras de Giordano Bruno, as teorias heliocêntrica constitui-se em cosmologia, entrando em choque com a concepção aristotélica do cosmos. Mas não era somente esta oposição de idéias. A atividade intensa de Giordano Bruno tornou amplamente conhecidas idéias heréticas sobre a Criação e difundiu a teoria heliocêntrica, que também se opunha a declarações explícitas contidas nas Escrituras.

O autor caracteriza Giordano Bruno como metafísico, enquanto que Galileu já se coloca numa outra fase do momento epistemológico, sendo “a primeira vez na história, que uma construção científica inquieta e transforma as categorias e os valores de uma sociedade” (p. 30).

Se bem que as cartas trocadas mostrem que Galileu até 1616 estivesse seguro de que as suas observações astronômicas não tinham implicações teológicas, já em 1611 o florentino Ludovico della Colombe, edita um panfleto

“Contra o movimentos da Terra”, em que acusa os galileistas de distorcerem o sentido de algumas passagens das Escrituras (p. 65).

A luta de mentalidades transparece nos trechos de correspondência selecionados pelo autor: de um lado Galileu e seus correspondentes na crença em um novo método científico; de outro lado uma reação que se organiza, que programa discussões, que prevê o perigo representado pela repercussão das novas idéias. O autor chama a atenção para o silêncio que envolve os altos quadros do Clero, enquanto que apresenta documentos referentes ao escândalo que envolveu a pregação de um dominicano, em 1612, contra “a opinião relativa ao movimento da Terra” (p. 86).

A reação crescendo, chega o momento das definições. É de dezembro de 1613, a carta a Castelli, em que Galileu expõe a sua reflexão sobre as críticas que recebe: “Tanto a Escritura como a Natureza procedem do Verbo Divino...”; “... os efeitos naturais que resultam das experiências sensíveis ou das demonstrações necessárias, não devem em nenhum caso ser colocadas em dúvida, sob o pretexto de que tal passagem da Escritura teria uma significação contrária...”; “... o dever dos exegetas é de determinar o verdadeiro sentido das passagens da Escritura, para que elas concordem com as conclusões naturais...” (p. 91).

Pela correspondência trocada transpira a reação crescente, as esperanças e temores de Galileu durante sua viagem a Roma, inutil tentativa de esclarecer a verdade de seus argumentos.

Se o período posterior à condenação da teoria copernicana, em 1616, é de recolhimento, a ascensão do cadeal Barberini ao Papado, em 1621, reacende as chamas. No “Diálogo sobre os dois maiores sistemas do mundo, editado em 1630, Galileu coloca na boca de Simplicio, o aristotélico: “Vossa maneira de filosofar tende a subverter toda a filosofia natural, e lançar na desordem e no caos o céu, a Terra e o Universo inteiro” (p. 177), numa lúcida expressão do poder da teoria heliocêntrica.

Enriquece-se novamente a correspondência, as paixões se revelam, mas quem dá a verdadeira dimensão da condenação de Galileu é o proprio Papa Urbano VIII que diz: “Galileu se imiscuiu em domínios que lhe foram proibidos, nas matérias as mais graves e perigosas que se pode hoje conceber” (p. 195).

Os autos da Inquisição completam a documentação, esclarecendo a posição da Igreja.

Um livro, em suma, que penetra por um caminho ainda pouco desenvolvido em História da Ciência colocando-se na fronteira do campo tão rico da História das Mentalidades.

MARIA AMÉLIA DANTES.

* * *